

Americanos temem o Plano Brady

Duríssima

Washington — O Plano Brady para a redução da dívida externa latino-americana de mais de 400 bilhões de dólares tem sido, de um modo geral, muito elogiado. Porém, também há críticas ferozes nos Estados Unidos, em meio aos temores de que o plano acabe pesando sobre o bolso dos contribuintes.

Além do mais, não são conhecidos os detalhes da complicada estratégia idealizada pelo secretário do Tesouro, Nicholas Brady, para aliviar a crise do endividamento na América Latina. Transpareceu que a iniciativa pode reduzir cerca de 20 por cento da dívida em três anos, enquanto México e Venezuela, particularmente, mal escondem seu desejo de um corte de 50 por cento em seus compromissos econômicos externos.

O primeiro grande fórum para a discussão do Plano foi a reunião dos 44 governadores do Banco Interamericano de Desenvolvimento, cuja reunião anual se encerrou ontem em Amsterdã, Holanda. Os ministros de Fazenda presentes deram as boas-vindas ao Plano Brady, deixando claro, porém, que não querem ver as idéias do secretário do Tesouro transformadas em outro pesadelo burocrático.

"Para nós, as soluções devem vir logo", disse em Amsterdã o ministro da Fazenda do México, Pedro Aspe. "É evidente que o

nosso povo não pode nem deveria esperar mais", acrescentou em clara tom de advertência.

EXECUÇÃO

A preocupação não é apenas dos devedores. Robert J. Samuelson, comentou ontem, no jornal The Washington Post que o Plano, mesmo merecendo apoio, tem o defeito de não deixar claro quem irá

23 MAR 1989

executá-lo, fazendo com que "o potencial de negociações intermináveis e disputas insignificantes seja imenso".

Outro analista, Warren T. Brookes, foi ainda bem mais virulento, ao dizer que o Plano é produto de um governo (George Bush) pressionado a entrar em ação antes de possuir uma estratégia coerente".

Segundo Brookes e outros especialistas, quem acabará pagando, em última instância, o custo das reduções, serão os próprios contribuintes norte-americanos, uma vez que os bancos comerciais, para rebaixar os seus créditos no Terceiro Mundo, exigirão o aval do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial em qualquer nova negociação que empreenderem. E são os norte-americanos que mais dinheiro fornecem aos dois organismos.

INJUSTIÇA

Florianópolis — O governo de Santa Catarina confirmou ontem a vinda de uma missão do Banco Mundial ao Estado, no início do próximo mês, para acertar os detalhes finais com vistas à liberação de 31 milhões de dólares, que serão empregados no programa de microbacias hidrográficas, já em desenvolvimento — ainda em caráter experimental — pela Secretaria Estadual da Agricultura e do Abastecimento.

A missão do Bird ficará durante dois meses no Estado, conhecendo de perto a execução do programa e as principais regiões que serão beneficiadas. O banco repassará os 31 milhões de dólares e o Governo catarinense, por sua vez, participará com igual contrapartida.

Ainda segundo Brookes, o Plano tende implicitamente a castigar os países que tiveram êxito na redução da dívida e que cumpriram com suas obrigações, como por exemplo Chile, Formosa e Coréia do Sul, favorecendo nações que não obtiveram o mesmo resultado, como Brasil, Argentina e Venezuela, cujas "máximas políticas econômicas causaram a fuga de capital a uma média anual de 20 a 25 bilhões de dólares".